

Memória de um espaço perdido: a história da sede da Escola de Belas Artes de Pelotas.

Katia Helena Rodrigues DIAS¹

Francisca Ferreira MICHELON²

Desde março de 1949 quando a Escola de Belas Artes de Pelotas foi oficialmente inaugurada em sessão solene na Biblioteca Pública Pelotense a questão do espaço físico estava incerta. As primeiras turmas tiveram suas aulas em salas emprestadas pela própria Biblioteca, uma situação temporária que precisava ser solucionada por seus dirigentes.

O surgimento de uma escola superior em artes plásticas na cidade de Pelotas aconteceu a partir da ação de Marina Moraes Pires, na época professora de desenho do colégio Assis Brasil. Marina Pires era uma mulher pertencente a uma camada socioeconômica com influências e contatos na política da cidade e foi através disso que ela conseguiu mobilizar um grupo de pessoas com poder para legalizar a criação da primeira escola superior de artes plásticas na cidade.

Para o pleno funcionamento de uma escola de artes, era necessário criar condições para o ensino e sua prática. Somente sua legalização não era suficiente para suprir as necessidades estruturais, de manutenção e sua conseqüente consolidação.

A primeira grande questão a ser resolvida foi encontrar instalações físicas apropriadas para a escola se estabelecer. A sala emprestada pela biblioteca desde o primeiro ano era insuficiente para a demanda de alunos que a escola recebia, muitos ficavam na espera para poder ingressar ao curso. A solução encontrada em um primeiro momento foi conseguir um prédio para alugar.

Em janeiro de 1950, após quase um ano de sua existência e agora com duas salas emprestadas pela biblioteca, foram publicados artigos não assinados sobre a existência de uma casa abandonada na Rua Quinze de Novembro, 757. Esses artigos tinham como destaque a utilização dessa casa pela escola.

¹ Graduada em Artes Visuais –Licenciatura (UFPEL), mestranda no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL).

² Graduada em Licenciatura em Artes (UFPEL), Mestre em Artes Visuais (UFRGS), doutora em História (PUCRS). Professora Associado da Universidade Federal de Pelotasl.

... a Escola de Belas Artes de Pelotas, que ainda não possui sede própria, tem se empenhado repetidas vezes junto aos encarregados do prédio no 757, afim de que lhes seja cedido o mesmo para que ali organizem sua sede. A Escola de Belas Artes de Pelotas comprometeu-se a fazer os necessários reparos na casa quase em ruínas, devendo receber a quantia gasta, em aluguéis. Entretanto, nem mesmo assim pôde essa instituição que tanto honra a cultura de nossa cidade, conseguir o prédio, que naturalmente nenhum proveito rende a seus proprietários assim abandonado. Por que permanece essa tapera em plena rua 15 de novembro? Que interesses ocultos não a cederam à Escola de Belas Artes? Eis perguntas que endereçamos a quem de direito for, para que o assunto fique esclarecido logo. Aguardamos (JORNAL DA TARDE, 16.01.1950)

Em 20 de março de 1950, a escola completará um ano de vida, e o reconhecimento do curso é notado através do aumento considerável de pessoas interessadas a ingressar a escola. Com apenas duas salas seria impossível que a escola pudesse desenvolver todo o seu potencial. Em outro artigo, o Jornal da Tarde destaca o fato de que naquele ano 29 dos 70 novos alunos que pretendiam ingressar na escola não puderam se matricular, sendo aceito pela escola 41 alunos, capacidade máxima permitida pelo espaço físico disponível.

A diretoria da escola representada por Marina Pires, tenta negociar o aluguel da casa abandonada na Rua Quinze de Novembro, 757, sem êxito, e ainda a procura, consegue no final de 1950 alugar uma casa na Rua General Osório, 819 (figura 1) e no início de 1951 a escola transfere suas atividades para lá.



Figura 1 – Primeiro imóvel alugado pela Escola de Belas Artes de Pelotas situado na Rua General Osório,819.
Fonte: Coleção EBA/Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL.

A demanda ao curso é crescente, sendo que a casa alugada não apresentava as condições ideais para ali a escola se estabilizar. A nova meta da direção é conseguir uma sede própria. Uma matéria é publicada no jornal Diário Popular de 27 de agosto de 1952 versa sobre essa questão.

Compreendendo que a única solução para resolver em definitivo a vida da instituição dando-lhe a segurança e a estabilidade que merece, será a aquisição de um edifício em condições para nele instalar sede própria, pleiteou a Escola um auxílio do Governo Federal, no valor de um milhão e duzentos mil cruzeiros para aquele fim, já tendo mesmo em vista o edifício a ser adquirido. É uma aspiração de todo justa e que, concretizada, virá dar maior impulso ao instituto convertendo-se, afinal, numa obra de real mérito para o desenvolvimento da arte em nossa terra com proveitosos reflexos no Brasil inteiro. (DIÁRIO POPULAR, 27.08.1952, p. 6)

Com o apoio da prefeitura, o que de fato aconteceu foi uma nova mudança em 1953. O novo imóvel, também alugado, situava-se à Rua Andrade Neves, 657 (figura 3).

Nesse endereço a escola permaneceu por 10 anos, porém durante esse período a luta para aquisição da sede própria se fez presente no cotidiano de seus dirigentes, professores, e alunos.



Figura 2 – Pátio Escola de Belas Artes de Pelotas da Rua Andrade Neves, 657
Fonte: Coleção EBA/Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL.

Em julho de 1955, a prefeitura de Pelotas através da lei número 574, doa a EBA o prédio onde funcionava a Escola de Agronomia Eliseu Maciel (figura 3). O curso de agronomia estava transferindo suas atividades para o campus universitário da UFPEL, no distrito Capão do Leão, onde se estabelece até hoje.

Este imóvel tão logo fosse desocupado passaria a Escola de Belas Artes que então teria um local amplo e em condições para o desenvolvimento completo de uma escola superior em artes plásticas. Contudo houve oposição ao decreto lei promulgado pela prefeitura, a princípio dos dirigentes do curso de agronomia que justificavam a necessidade da permanência de alguns setores do curso no prédio e em um segundo e decisivo momento o Governo Federal através do Ministério da Agricultura dá o veredicto final.

Somente após cinco anos da doação do referido imóvel pela prefeitura que o curso de agronomia desocupa totalmente o prédio, transferindo todas suas atividades ao campus. Porém, mesmo com o prédio vazio a EBA não obtêm autorização do poder federal para sua ocupação, o que ocasiona vários protestos de alunos, professores e funcionários da EBA (figura 4, 5 e 6).

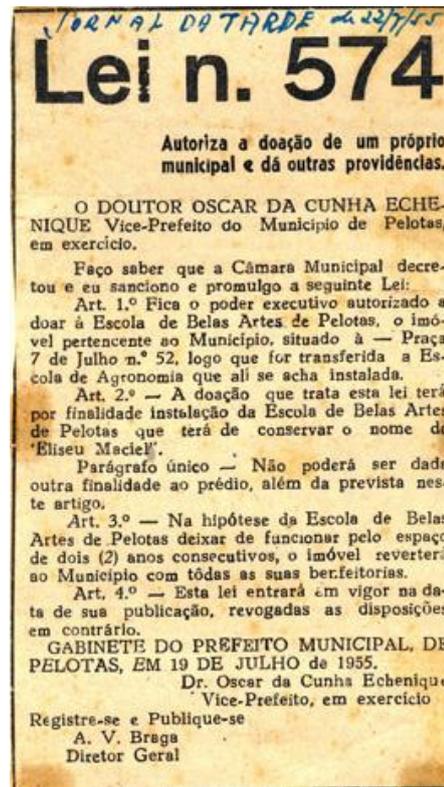


Figura 3 – Notícia do Jornal da Tarde, 1955.

Fonte: Coleção EBA/Arquivo Fotográfico Memória da UFPel.



Figura 4 – Manifestação de alunos reivindicando o prédio doado da Escola de Agronomia, 1953
Fonte: Coleção EBA/Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL.



Figura 5 – Aula protesto em frente ao prédio doado, em 1960.
Fonte: Coleção EBA/Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL.



Figura 6 – Aula protesto em frente ao prédio doado, em 1960.
Fonte: Coleção EBA/Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL.

As manifestações aconteciam de diversas maneiras, desde artigos publicados no jornal, passando pelas tradicionais passeatas reivindicatórias até a aula de modelo vivo que aconteciam em frente ao prometido prédio. Todas elas foram registradas e ganharam força pela mídia impressa, através de matérias nos jornais da cidade.

Porém nada disso surtiu efeito, em 1962, o Ministério da Agricultura envia os documentos comprobatórios esclarecendo a situação real do prédio desocupado pela Escola de Agronomia. Esses documentos esclarecem os motivos pelos quais o prédio não está a disposição da Prefeitura de Pelotas e conseqüentemente a EBA. O conteúdo desses documentos comprova em registro que o prédio já estava incorporado ao patrimônio da União desde 1946, quando foi feito um acordo entre o Ministério da Agricultura e a Prefeitura de Pelotas, em concordância com o decreto lei federal número 9.970 de 19 de setembro de 1945 e lei municipal número 102 do mesmo ano. O acordo encontrava-se registrado no Tribunal de Contas da União desde março de 1946.

Assim sendo, o episódio chega ao fim e a escola continua sem uma definição quanto a sonhada sede própria. Apesar de todos os esforços e toda polêmica gerada em virtude de uma doação ilícita o fato era que tudo continuava igual.

Toda essa polêmica e a luta da escola pelo ideal da sua sede própria resultou em uma importante doação particular feita em nome da senhora Carmen Trápaga Simões a Escola de Belas Artes de Pelotas. Em 1963, ela doou a sua mansão, denominado pelos jornais como um “palacete residencial”, situado à Rua Marechal Floriano (figura 7). Após a doação o prédio recebeu uma série de adaptações internas para o desenvolvimento de suas atividades e em 1965 a escola recebe a primeira turma a usufruir da nova e apropriada estrutura para o ensino e prática das artes plásticas.



Figura 7 – Imóvel doado a EBA pela senhora Carmen Trápaga Simões, em 1963.
Fonte: Coleção EBA/Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL.

Ali a escola permaneceu durante toda sua existência, porém essa não foi muito duradoura. Mesmo resolvida a questão do espaço físico, os recursos financeiros recebidos através dos convênios com a Prefeitura não eram suficientes para manutenção da estrutura. E já no ano de 1968 a direção da escola começa uma nova luta, agora pleiteando a federalização da escola.

Referências

- DINIZ, Carmen Regina Bauer. **Nos descaminhos do imaginário: A tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas**. Dissertação, Mestrado, UFRGS, 1996.
- FRANCO, Janice P.C. **Memórias de Marina**. Pelotas: Mundial, 2008.
- MAGALHÃES, Clarice R. **A Escola de Belas Artes de Pelotas: da fundação à federalização (1949-1972) - uma contribuição para e história da educação em Pelotas**. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Pelotas, UFPEL: 2008.